



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS

ANDRESSA RAFAELA ARAÚJO NÓBREGA

**A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL EM
MACUNAÍMA: UMA LEITURA DE MÁRIO DE ANDRADE**

CAMPINA GRANDE – PB.

2015

ANDRESSA RAFAELA ARAÚJO NÓBREGA

**A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL EM
MACUNAÍMA: UMA LEITURA DE MÁRIO DE ANDRADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Literatura sob a orientação da Professora Rosângela Queiroz.

CAMPINA GRANDE – PB.

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N754r Nóbrega, Andressa Rafaela Araújo
A representação da identidade nacional em Macunaima
[manuscrito] : uma leitura de Mário de Andrade / Andressa
Rafaela Araújo Nóbrega. - 2015.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Rosângela Queiroz, Departamento
de Letras".

1. Análise Literária 2. Romance Brasileiro 3. Identidade
Nacional 4. Modernismo I. Título.

21. ed. CDD 801.95

Andressa Rafaela Araújo Nóbrega

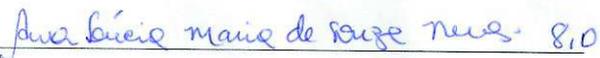
**A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL EM
MACUNAÍMA: UMA LEITURA DE MÁRIO DE ANDRADE**

Aprovada em 15 de junho de 2015

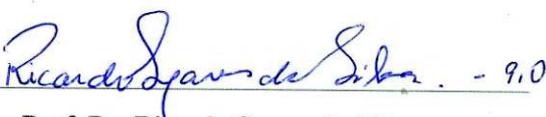
BANCA EXAMINADORA

 - 9,0

Prof.^a Dr.^a Rosângela Maria Soares de Queiroz
Orientadora

 - 8,0

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Maria de Sousa Neves
Examinadora

 - 9,0

Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva
Examinador

Dedicatória

A Antônio Nóbrega, meu querido pai e honroso homem, sempre presente nos valores que eternizou em mim. Um homem que mesmo no silêncio das palavras, nas sutilezas dos gestos e na retidão da sua simplicidade delineou o caminho dos filhos dentro da moral e da ética, do respeito e do trabalho.

A meu esposo Erinaldo, pelo amor, respeito, compreensão e serenidade que compartilhamos, pelo cuidado que tem comigo, pela gentileza dos sorrisos e das palavras, mesmo nos momentos de tensão. Por ser o meu amigo, meu confidente, meu guardião e meu amor de todas as horas e momentos.

Aos meus queridos irmãos, Anndreza e Georginis, pessoas que amo e admiro, que sempre se fizeram presentes na minha vida, incentivando-me e fazendo-me crer nas minhas próprias escolhas e as minhas tias Rosenilda e Ana, presenças que confortam e nutrem a minha vida.

A minha avó, Maria Arlinda, em agradecimento aos joelhos prostrados no chão em ação de graça pelo ingresso de sua neta à universidade, mulher tão paradoxal e encantadora: mesmo só tendo conhecido os ensinamentos das professorinhas do primário se mostra uma gigante na compreensão da vida, uma mulher que parece ser formada por fibras de aço, mas que também sofre e chora e, que como uma fênix, se renova. Mentora e orientadora da família, Aurora Boreal que nos revigora com seus círculos de luz que emanam força, entusiasmo e coragem.

Por fim, mas jamais em último lugar, a Rosângela Nóbrega, minha adorada e admirada mãe, retrato da mulher dos novos tempos, mulher de fibra que sempre acreditou nos propósitos de vida dos filhos, muitas vezes abdicando dos seus sonhos em detrimento da realização dos deles, e que, sobretudo, abraçou esse projeto junto comigo, mostrando-se presente em todas as etapas da realização desse trabalho.

Por ensinar-me o que é amor, essa doação sem medida pela felicidade dos seus, mostrando-me que posso ser eu mesma, tornando a minha vida mais leve. A ela, que suportou pacientemente momentos de estresses, desesperos e ausência, sendo uma coparticipe deste trabalho, dedico, em especial, esta conquista.

Agradecimentos

A Deus, por me dar sustento, por me capacitar intelectualmente e emocionalmente por toda a minha vida, por ser o meu mentor e o responsável por todas as minhas conquistas.

A professora Rosângela Queiroz, pela confiança, sabedoria e dedicação e, sobretudo, pela paciência a mim dispensada em todas as etapas da orientação deste trabalho.

As professoras Roberta Paiva, Rosângela Queiroz, Thereza Neuma, Francisca Eduardo e Andreia Andrade pelos maravilhosos ensinamentos obtidos durante a minha graduação, referenciais de dedicação, ética, sabedoria, respeito e compreensão que levarei comigo durante minha trajetória na prática docente.

Aos meus queridos: David, Carol, Elaine, Lorena, Estella e Adeilma, pela amizade, cafés, músicas, discussões e, sem dúvida, muitos sorrisos. Além do companheirismo que não se resumiu as paredes da Universidade, mais que se estendeu a todas as áreas da minha vida.

A minha família, minhas avós, tias e tios, primos e primas que confiaram nas minhas escolhas e me apoiaram em minha formação, para que os frutos delas trilhassem pelos melhores caminhos.

“É o tempo da travessia e se não ousarmos fazê-la teremos
ficado para sempre à margem de nos mesmos”.

Fernando Pessoa

Resumo

Esta pesquisa centra-se no estudo da obra *Macunaíma*, (1928) da autoria de Mário de Andrade, e pretende analisar a forma pela qual se caracteriza no texto a identidade nacional. Para tanto, abordaremos o romance tomando como um recorte dos estudos de construção da identidade, a partir da discussão sociológica sobre a relevância da memória e da formação cultural para a construção da identidade brasileira. O objetivo desse estudo é rastrear a questão da identidade nacional, entendendo-a como um elemento patente na escrita modernista, através do discurso de Andrade, considerando uma ideia de nação que participa de processo que oscila entre o desejo de esquecimento de suas raízes históricas de opressão e, ao mesmo tempo, a necessidade da construção de uma representação própria, que abarcasse nesse processo sua formação plural e multifacetada. No estudo, investigamos de que modo a representação dos elementos identitários, formadores da Brasilidade, diluídos nos processos de sua formação étnica e cultural vividos no país, perpassam a construção do personagem central das nossas discussões.

Palavras-chave: Identidade nacional. *Macunaíma*. Modernismo. Representação. Cultura.

Abatract

This research focuses on the study of Brazilian writer Mario de Andrade's *Macunaíma* (1928). It aims to analyze how the text characterizes national identity. Therefore, we will discuss this novel grounded in identity construction studies, considering a sociological discussion of memory relevance and cultural training for the foundations of Brazilian identity. This study intends to track national identity issue through its understanding as a patent element in modernist writing. In order to do so, we will consider Andrade's discourse, considering a nation idea which desires to forget its historical oppression, as well as it needs roots and also a separate representation, which encompass its plural multilayered formation process. We investigated in this study how identity elements representation which forms "Brazilianness" was diluted in such country's ethnic and cultural background process. This matter is crucial for the main character Macunaíma's construction.

Keywords: National identity. Macunaíma. Modernism. Representation. Culture.

Sumário

Introdução	11
Literatura e representação	12
A formação do povo brasileiro e o conceito de cultura	16
Macunaíma: retrato da mestiçagem	17
A representação das identidades	19
Macunaíma em movimento – “o brilho inútil das estrelas”	23
Considerações Finais	26
Referências	28

Introdução

Uma identidade fragmentada dentro de uma sociedade dividida entre costumes pós-colonialistas e tradição, é assim que conhecemos Macunaíma – protagonista do romance **Macunaíma**: um herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade -, uma obra que revela, em perspectiva, uma representação do caráter nacional em seu personagem central, bem como nos outros que com ele dividem a cena. Andrade cria um personagem que não tem uma etnia definida; é simultaneamente branco, negro e índio. Incorporado na figura do “herói de nossa gente”, o povo brasileiro nele se reflete de diversas maneiras; constitui-se, portanto, como a gênese social, biológica e antropológica do nosso povo.

Sob a ótica de Macunaíma, o autor constrói uma reflexão acerca da identidade nacional. O personagem, retrato da mestiçagem, é criado como uma das representações mais significativas da nossa cultura e identidade. Sabidamente, o Brasil é resultado de sua herança histórica e da mestiçagem, amalgamada à definição de um povo sem memória e propício à manipulação. Remetendo-nos à vida de Macunaíma, podemos traçar uma analogia entre ela e a própria cultura brasileira que, apresentada sem definição única e sólida, é facilmente influenciável. É neste aspecto que nosso personagem sem nenhum caráter (inseridas nessa qualificação não apenas a ausência de qualidades morais, mas também a de identidade, enquanto caracterização) marca, portanto, uma época de busca pela identidade nacional, de redescobrir o Brasil como um país de cultura legítima.

Para ilustrar essa pátria multifacetada, Mário faz uso de um registro de escrita primordialmente nacional, rico em sua nuance coloquial e metafórica, resultado de anos de pesquisa de lendas, mitos indígenas e folclóricos e de costumes regionais, que rompe com os padrões estéticos até então vigentes no país, evidenciando um registro, para além de literário, antropológico, da construção da identidade nacional, resgatada através das vivências e personalidades protagonizadas por Macunaíma.

Macunaíma, o romance, propiciou para a cultura brasileira um novo fôlego. Em constante mutação, o personagem de Mário de Andrade é analogia da miscigenação brasileira, tendo durante a narrativa uma constante permuta de caracterizações étnicas. O autor cria pela ausência do traço do caráter um personagem que não possui definição étnica e nem tampouco ética. É um anti-herói, que não tem compromisso com a

sociedade, é individualista, é extremamente preguiçoso e fora da lei, e contrapõe-se a uma sociedade moderna, organizada em um sistema racional e tecnológico, simbolizando o período de ebulição social, cultural e política por que o país passava na década de 20. Desse modo, Andrade acaba subvertendo tanto as heranças pós-colonialistas, quanto a tradição, propondo a criação de um novo modelo identitário. Há um libelo do autor aí sugerido em relação à falta de uma identidade nacional conscientemente construída. Ao mesmo tempo, transparece a sua proposta para uma constituição desta identidade, em moldes não necessariamente aceitáveis à mentalidade burguesa, positivista e (ainda) racionalista da época.

Procura-se discutir, então, a visão que Mário de Andrade tem sobre o Brasil e de que maneira seus estudos e sua ótica modernista irão refletir dentro da obra na tentativa de ressignificar culturalmente o Brasil na construção do seu perfil identitário, insistindo na ideia de que o conhecimento de nossas raízes e origens é um passo fundamental para reconhecer a pluralidade que constitui nossa identidade nacional.

Literatura e representação

Como toda manifestação artística, a literatura acompanha a trajetória humana, podendo ser uma fonte capaz de contribuir no resgate ou na construção da identidade cultural de um povo. Coutinho (1978) considera a literatura parte da vida e ambas atuam em harmonia. Segundo o crítico literário, as criações literárias são representações da condição humana e não se confundem com as representações históricas:

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. (...) O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades fatuais. Os fatos que manipulam não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgota o quadro. (COUTINHO, p. 09-10)

Tanto o discurso literário quanto o histórico, são, de fato, polissêmicos e complexos lugares simbólicos onde pulsam os signos ininterruptamente à espera de novos olhares. A pluralidade de significações dos textos literários e históricos decorre de inúmeras contextualizações. Há uma dinâmica que caracteriza a arte literária e a construção do texto histórico, que aderem, transformam ou rompem as suas cargas significativas.

A literatura, além de ser elaboração da inventividade do artista, torna possível uma multiplicidade de interpretações e decodificações originais ao longo do tempo. Todavia, a literatura não carece de uma identidade de tempo ou de espaço para que o leitor resgate a sua dimensão emocional. A obra literária em si incorpora um universo de épocas e motivações que não podem ser desfeitas enquanto perdurar o homem. São características abrangentes que permitem a comunhão de valores e sentimentos entre a criação artística e o leitor que a interpreta, mesmo quando a distância temporal ou espacial entre o momento da criação e o instante da leitura é, aparentemente ou não, de dimensões significativas.

Dessa forma, a literatura passa a ter vida própria, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade da qual proveio; assim, adquire todas as inquietudes pelas quais a sociedade passa. Por ela, pode-se compreender não só como funcionam os sistemas sociais de um determinado povo, num determinado tempo, mas, sobretudo, o indivíduo perante a sociedade, o ser e os seus traços de personalidade e comportamento.

A literatura, em muitos momentos, senão na maioria deles, foi veículo de difusão de ideias identitárias, para manter ou para desconstruir ideologias, conservando sempre um caráter de representação. Nesse sentido, a literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a, conforme afirma Antônio Candido,

[...] não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do seu processo, isto é, o seu efeito (CANDIDO, 2011, p.31).

Vê-se, pois, que a comunicação artística supõe quatro elementos fundamentais: autor, obra, público e efeito, indissolavelmente ligados em seus papéis sociais. Sem ser um reflexo imediato da realidade, a literatura sempre guardou uma relação com a mesma. A literatura, além de ser um resultado do seu contexto, também cria representações. Produto e produção, as obras literárias sempre ajudaram a pensar o país, sem serem prisioneiras de um contexto específico.

Desde os primórdios do surgimento de uma produção literária genuinamente brasileira (pós-árcade), a preocupação com a formação de uma identidade nacional se fazia presente. Sabe-se que já no seu “instinto de nacionalidade”, Machado de Assis questiona a correlação direta entre cor local e nacionalismo e encena o dilema da constituição da identidade cultural, sublinhando-se respostas distintas que se apresentam ao mesmo problema, o problema da representação discursiva da Nação e da identidade nacional.

Em meados do século XIX, o Romantismo no Brasil, foi buscar a resposta no índio idealizado, procurando esconder os traumas da conquista ibérica e criar imagens que nos aproximassem do modelo de civilização europeia, desse modo, trabalhando mais com o esquecimento do que com a memória; conforme explica Renato Ortiz, (1994, p. 19), o romantismo de Gonçalves Dias e José de Alencar se preocupa mais em fabricar um modelo de índio civilizado, despido de suas características reais, do que apreendê-lo em sua concretude.

Já o Modernismo tentou responder à pergunta sem se iludir e identificou a riqueza da sociedade brasileira pela multiplicidade de raças e culturas aqui existentes e pela aquisição de um modelo externo, travando uma luta contra o esquecimento promovido pelo poder, fazendo emergir aspectos do passado que haviam sido silenciados pelas representações oficiais.

A Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo, no ano de 1922, funcionaria como elemento catalizador dessa nova literatura, trazendo novas tendências e um projeto de renovação. Aí começava um novo momento, rompidas as amarras do academicismo e deixada de lado a visão idealizada, e longe da realidade.

Como tendência vanguardista, o Modernismo surge no Brasil com a proposta de ruptura, buscando caminhos alternativos para a criação mais livre. A literatura apresentou abordagens de temas do cotidiano enfatizando a realidade brasileira e os problemas sociais. A linguagem passa a ser mais coloquial e com admissão de gírias e neologismos.

O Modernismo iniciou um novo modo de interpretar o povo, a cultura, a nação brasileira e surgiu como processo de repúdio ao passado próximo, e, concomitante, restaurou e aproximou alguns ideais do romantismo literário brasileiro, na medida em que resgatou de forma dinâmica e crítica, a tradição romântica de elaboração de uma identidade nacional.

A busca de uma literatura que configurasse ou traduzisse essa representação foi, durante a trajetória da produção literária brasileira, um objetivo almejado por diversos escritores. Nascia uma literatura com mais ousadia formal, mais humor, e que reelaborava o folclore com dados oferecidos pelo contexto mais imediato. Desse cenário de ideias destacamos um escritor que imprimiu no seu romance o folclore, a etnografia e o negro. Destacamos Mário de Andrade, autor de **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**.

Macunaíma se enquadra perfeitamente no programa do modernismo, em que havia muito de brasileirismo gesticulante e que formulou um nacionalismo descritivista que sistematizou o estudo científico do povo nacional, na sociedade em geral, no folclore em particular... E procurou uma reacomodação nova da linguagem escrita e falada.
(PROENÇA, p. 19)

O modernismo caracterizou-se como um divisor de águas na história da literatura brasileira, ao conquistar um novo espaço de produção literária após alguns séculos de escuridão, devido às sucessivas tentativas de definir a cultura brasileira mediante a abstração de traços, línguas e tradições.

Corroborando Proença (1977, p.25), todos nós somos um pouco Macunaíma, porque ele é uma condensação das características brasileiras: “Uns mais, outros menos, todos somos Macunaíma, esse ilógico Macunaíma indivíduo, terrivelmente lógico conjunto, verdadeira colcha de retalhos de seda, de cambraia, de chita, mas com a finalidade comum de cobrir”.

Portanto, a obra é resultado do conjunto social e da iniciativa individual do artista que busca cumprir o papel da literatura, que é o prazer pela leitura, o entretenimento e, sobretudo, veicular um conhecimento, o conhecimento da sociedade.

A obra modernista rompe e reinterpreta nossas “deficiências”, vendo-as como beleza e não como empecilho à elaboração da cultura. Nesse contexto, encaramos a literatura como elemento de constituição identitária e expressão de identidades; mais do que proporcionar prazer ela se presta a revelar o homem, sendo assim nada mais do que expressão da sociedade na qual está inserida.

A formação do povo brasileiro e conceito de cultura

A formação cultural do povo brasileiro percorre o caminho da constituição do Brasil a partir da fusão de três raças que aqui se encontraram: indígenas, portugueses e africanos. Darcy Ribeiro (1995, p. 19) elucida essa miscigenação étnica: “Surgimos da confluência, do entrelaço e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos”.

A consequência desse encontro gerou o que ele denomina de um “novo povo”, no sentido de congregar uma mistura racial proveniente de matrizes diferentes, configurando assim, algo distinto.

Em questão da miscigenação étnica, o Brasil demonstrou maturidade precoce e pacífica em assimilar diferentes culturas num mesmo território. Os brasileiros se sentem e se comportam como um único povo, uma única nação onde todos pertencem e vivem de forma relativamente harmônica. Segundo Ecléa Bosi (2003), quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação;

Da cultura brasileira já houve quem a julgasse ou a quisesse unitária, coesa, cabalmente definida por esta ou aquela qualidade mestra. [...] Ocorre porém que não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um “efeito de sentido”, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. (BOSI, 2008, p. 07)

Nenhuma identidade histórica pode ser concentrada em uma única tradição. Ao invés de uma concepção linear da realidade que viola e simplifica a multiplicidade de consciências imiscíveis da caracterização da nossa cultura, devemos mostrar a constituição dos processos culturais que governam as diversas representações de nossa experiência temporal.

No que concerne à definição de cultura, o reconhecimento do plural é fundamental. Na formação da cultura dominante, que vigorou na historiografia literária brasileira, os primeiros anos do século XX foram caracterizados pela luta contra um conceito de cultura a-histórico. Considerando que a realidade é socialmente constituída, observamos que apenas a compreensão do lugar que constituímos e a partir do qual somos constituídos, torna-se insuficiente, em vista do que o mundo circundante poderia

nos oferecer no que tange à identidade e às nossas ações e relações simbólicas, proporcionando uma visão mais democrática de interpretação da cultura.

Assim, a cultura deve ser entendida não apenas como manifestação de artes diversas. Cultura são valores, posturas, hábitos, lugares, conhecimentos, técnicas, identidades comuns e diversas, conceitos, saberes e fazeres múltiplos. De acordo com Brandão (1985, p.20-37), a cultura inclui o modo como o povo vive, pensa, simboliza, cria e usa e, inclusive, descarta. Objetos, instrumentos, atividades humanas socializadas e padronizadas de produção de bens, de ordem social, de normas, palavras, ideias, símbolos, preceitos, crenças e sentimentos. Nesse sentido, a cultura é constituída da ação humana e seu fundamento simbólico está sempre presente em qualquer prática social.

Compreendendo toda essa abrangência, podemos pensar a cultura também como um movimento político que objetiva melhorias e transformações sociais, através de uma mobilização e reorganização de grupos populares em prol do fortalecimento do seu poder e classe. Utilizar a cultura com o objetivo de conscientização do povo é elemento essencial e estimulante ao reconhecimento e afirmação da identidade cultural, individual e coletiva.

Macunaíma: retrato da mestiçagem

A definição de Mário de Andrade sobre o brasileiro não ter caráter, por ele não possuir uma civilização própria, nem consciência de suas tradições, abre um leque de discussões que vão além dos termos morais, uma vez que proporciona uma reflexão sobre a situação racial do Brasil.

Sabidamente o Brasil era não só o local da convivência social entre brancos, negros e índios, como também o território da miscigenação biológica, com todas suas implicações. Portanto, o cerne da questão está em reconhecer na miscigenação certa singularidade. Reconhecer na mistura das raças uma originalidade local.

Surge assim, segundo Ortiz (1994, p. 20), um problema teórico fundamental para os cientistas do período: como tratar a identidade nacional diante da disparidade racial? De acordo com Romero (1953), formamos um país mestiço, somos mestiços, se não no

sangue ao menos na alma. Segundo ele, seria o mestiço que prevaleceria como a genuína formação histórica brasileira.

Salienta ainda, que a seleção natural na mestiçagem, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o tipo da raça mais numerosa, a branca. Embora quase não tenhamos mais famílias extremamente arianas, os brancos presumidos abundam.

Nesse ínterim, Romero (1953, p. 110) acrescenta que dentro de dois ou três séculos a fusão étnica estará talvez completa, e o brasileiro mestiço bem caracterizado. Assim, a cultura brasileira passava a ser compreendida como resultado dessa mistura de raças. “Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unifica-los numa identidade cultural, para representa-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. (HALL, 2014, p. 35).

Desse modo, Mário, de forma inusitada, revigora o mito das três raças. Metaforicamente, o autor fez Macunaíma, herói da nossa gente, nascer “preto retinto”, no “fundo do mato virgem”, transformar-se em índio, depois em branco; simultaneamente, um de seus irmãos transforma-se em índio, e o outro em negro:

Uma feita o Sol cobrira os três manos de uma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porém no rio era impossível por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar um naco da irmã espedaçada pulavam aos cachos para fora d'água metro e mais. Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que nem a marca dum pé de gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão de Sumé, do tempo em que andava pregando o Evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele [...] Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão de Sumé. Porém a água já estava muito suja do pretume do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água para todos os lados só conseguia ficar da cor do bronze novo [...] Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada para fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpadado na água santa [...]. E estava lindíssimo no Sol da lapa os três manos um louro um vermelho, outro negro, de pé bem erguidos e nus [...]" (ANDRADE, 1972, p. 47-8).

Para além da passagem acima citada, a própria figura de Macunaíma parecia representar uma espécie de “canibalismo cultural”, em que os elementos diversos se misturam, na construção dessa personagem *sem caráter*.

Macunaíma sintetiza em si uma série de características e ambiguidades, físicas e psicológicas, que permitem com que vejamos a nós mesmos, quando nos deparamos com seus traços e suas peripécias, numa riqueza de significações que vem a lume por intermédio da narrativa, reveladora das nossas raízes culturais, possibilitando-nos uma reflexão séria e profunda acerca do nosso caráter e nossa identidade enquanto nação. “Porque ele é uma condensação das características brasileiras, todos nós somos um pouco Macunaíma”. (PROENÇA, 1977, p. 24).

Segundo Bosi (1988, p. 177), “Macunaíma era o resultado de um período fecundo de estudos sobre a cultura brasileira”. Com efeito, Mário de Andrade, trazia para o livro uma cultura brasileira não letrada, cultura em se inseriam indígenas, caipiras, sertanejos, negros, mulatos, cafuzos e brancos que viviam, também, entre a técnica e a magia. É esse o caráter de Macunaíma, que, de tão plural, resultava em nenhum, sendo que a origem étnica particular acaba importando menos do que o tecido resultante, este sim uma síntese local.

Enfim, entendida a partir do eixo da cultura, era de novo da raça que se falava, como se o termo permitisse pensar nas persistências e entender as constantes ressignificações. Afinal, corroborando Bosi (1988, p. 177), a fórmula “o herói de nossa gente” veio substituir outra menos feliz: “o herói de nossa raça”, numa demonstração clara de como o romance dialogava com o pensamento social da época.

A representação das Identidades

Ao analisar **Macunaíma**, não podemos esquecer de que Mário de Andrade escreveu essa narrativa imbuído das ideias modernistas, muitas delas implicadas no desejo de recuperar e repensar a cultura nacional; nem de que há no Modernismo um sentido de dessacralização da identidade nacional no sentido de que diferentes culturas dialoguem entre si e em diferentes espaços.

Em busca dos aspectos eminentemente nacionais, o autor utiliza o folclore, primeiro, por ser um pesquisador voltado ao assunto e, segundo, por nele encontrar material de cunho popular, primitivo e, assim, brasileiro por excelência.

E preciso que se conheça o método de trabalho de Mário de Andrade, para compreender um livro no qual se acumula um despropósito de lendas, superstições, frases feitas, provérbios e modismos de linguagem, tudo sistematizado e intencionalmente entretecido, feito um quadro de triângulos coloridos em que os pedaços, aparentemente juntados ao acaso, delineiam em conjunto a paisagem do Brasil e a figura do brasileiro comum. (PROENÇA, 1977, p. 05).

Com essa obra, Mário de Andrade rompe com os modelos socioculturais e econômicos europeus, que eram imitados no Brasil até então e passa a valorizar a cultura nacional, que faz questão de mostrar quão rica e diversa é, misturando a linguagem indígena e popular com a oficial, criando neologismos e entrelaçando lendas de várias regiões, numa fina colcha de retalhos discursiva que compõe a narrativa dessa rapsódia cultural.

A linguagem de Macunaíma é convencional, no sentido em que o autor estabeleceu a priori um critério para o seu personagem, ou seja, a fusão dos regionalismos nacionais em um todo. O herói é da nossa gente de todos os quadrantes, tem hábitos, credices, alimentação, linguagem isentos de qualquer traço predominante. Incorpora sem ordem nem hierarquia as características de cultura, diferenciadas nas várias regiões brasileiras. É um herói “desgeografado” para usar expressão do autor. (PROENÇA, 1977, p. 60)

Macunaíma é um herói às avessas: “Tinha criado o herói como um ataque às desvirtudes nacionais, acumulando e exagerando os defeitos que reconhecia, sofrendo, no brasileiro”. (PROENÇA, 1977, p. 06). Fato esse, que percebemos logo no início da narrativa:

No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia Tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. (ANDRADE, 1972. p. 09).

Macunaíma se insere como um personagem em busca de sua identidade – ora imperador do mato virgem, ora menino esperto, ora malandro da cidade, ora preguiçoso; - mapeando assim um Brasil diferente: o país do folclore, da macumba e da

malandragem. Das regiões por onde passa, nosso herói vai colhendo partes distintas que se agregam a um todo, compondo uma cultura que é reflexo do seu povo, miscigenada com muito suor de índio, do sofrimento dos negros e da “alvura” europeia. Conforme elucida Proença (1977, p. 08), Macunaíma é com muita justeza, uma figura turbulenta e sem medida, que encarna o caos psicológico de um povo em que os mais diversos elementos raciais e culturais se reuniram, sem que estejam, por enquanto, amalgamados.

Mário de Andrade recorta características da nossa cultura como uma forma de discutir nossa formação como povo. Segundo Massaud Moisés (1998), “o ser nacional residiria justamente nessa diversidade, não em qualquer das suas expressões em particular, sendo possível compreender então um dos significados do subtítulo da obra: herói sem nenhum caráter”. Conforme Proença (1977, p. 09), é justamente essa ausência de caráter que lhe dá um grande caráter sobre-humano, no qual se refletem no tumulto de aparente indisciplina as energias elementares.

O autor ainda mostra a variedade cultural como uma extensão geográfica, fazendo com que tenhamos a consciência de que não habitamos apenas Estados, mas uma Nação, possuidora de uma cultura formada a partir das expressões particulares regionais. A presença, ao longo da obra, das diferentes lendas brasileiras ilustra esse aspecto, porque não há uma preocupação do narrador em situá-las dentro do espaço para o leitor, ao contrário, existe a intenção de misturá-las:

Uma feita em que deitara numa sombra enquanto esperava os manos pescando, o Negrinho do Pastoreio pra quem Macunaíma rezava diariamente, se apiedou do panema e resolveu ajuda-lo. Mandou o passarinho Uirapuru. Quando sinão quando o herói escutou um tataral inquieto e o passarinho pousou no joelho dele. (ANDRADE, 1972, p. 42).

Como símbolo popular, Macunaíma é um herói folclórico, e daí o seu procedimento libérrimo. “O folclore é, na verdade, muito mais humano que a restrita ideia do bem e por isso guarda exemplos de tudo quanto, grandezas ou misérias, move a nossa fragilíssima humanidade”. (PROENÇA, 1977, p. 10). Macunaíma é uma contradição de si mesmo. O caráter que demonstra num capítulo ele desfaz noutro:

Em verdade Macunaíma não pode ser analisado pela lógica, está fora do bem e do mal, é um herói verdadeiro, às vezes contraditório, e isso Mário notou. Mas a contradição vem do expoente máximo de virtudes e qualidades anormais que nele se exaltam. A par disso, tem gestos de uma candura esplêndida. (PROENÇA, 1977, p. 11).

Para Mário, a ausência do caráter do personagem indicaria características em formação que representariam a cultura e o caráter inacabado. Simbolicamente, a figura de Macunaíma, “o herói sem nenhum caráter”, foi trabalhada como síntese de um presumido “modo de ser brasileiro” descrito como luxurioso, ávido, preguiçoso e sonhador, mas, de qualquer modo, um modelo inacabado.

O personagem é uma mistura dos povos e dessa maneira sua busca incansável pelo seu amuleto, o Muiraquitã, constitui a busca pela própria identidade. Segundo o texto, Macunaíma nasce no fundo do Mato-Virgem, longe de qualquer vestígio de civilização, filho de uma índia Tapanhumas e sem procedência paterna, sendo “filho do medo da noite”. Na tentativa da construção de uma civilização realmente autêntica, o autor promove uma união entre o homem e o meio, na tentativa de que dessa união nascesse a tão desejada civilização.

Para tanto, o autor faz acontecer esse casamento a partir do encontro de Macunaíma com Ci, a “Mãe do Mato”, que seria seu futuro amor, ser mitológico que personifica a natureza brasileira. Ci é também uma Icamiaba, uma amazona, que, como tal, não podia manter relações permanentes com um homem, sendo o Muiraquitã (amuleto esculpido com barro do fundo da lagoa com o qual as mulheres icamiabas presenteavam os homens de outras tribos quando do nascimento de um filho), símbolo dessa relação temporária, porém intensa.

Uma feita os quatro iam seguindo por um caminho no mato e estavam penando muito de sede, longe dos igapós e das lagoas. Não tinha nem mesmo umbu no bairro e Vei, a Sol esfiapando por entre a folhagem guascava sem parada o lombo dos andarengos (...). Já Vei estava farta de tanto guascar o lombo dos três manos quando légua e meia adiante Macunaíma escoteiro topou com uma cunhã dormindo. Era Ci, Mãe do Mato. Logo se viu pelo peito destro seco dela, que a moça fazia parte dessa tribo de mulheres sozinhas parando lá nas praias da lagoa Espelho da Lua, coada pelo Nhamundá. A cunhã era linda com o corpo chupado pelos vícios, colorido com jenipapo. (...) O herói se atirou por cima dela para brincar... (ANDRADE, 1972, p. 27).

Analisando o trecho citado, é possível ainda perceber a participação de outra personagem: Vei, a Sol. Como sendo a representação do trópico, o clima brasileiro, é decisiva para o desenrolar do romance. Assim, o casamento de Macunaíma com Ci, provocado por Vei, a Sol, permite que o personagem se torne “Imperador do Mato-Virgem”, ou seja, o povo brasileiro, representado por seu “herói”, casa-se com a geografia, com a natureza tropical, representadas por Ci, através de uma circunstância

criada pelo clima tropical, Vei, a Sol, estabelecendo-se aí, a possibilidade do nascimento da civilização tão almejada, proveniente de uma cultura genuinamente brasileira, vislumbrando, a partir da existência de um conto de origem, a chance do brasileiro passar a ter um caráter próprio.

Macunaíma recebe, como presente de Ci, uma Muiraquitã quando o seu filho com a amazona morre e a Mãe do Mato vai para o céu, tornar-se a Beta do Centauro. “Depois do funeral, Ci presenteia o herói com uma muiraquitã e sobe ao céu por um cipó. Hoje é a Beta do Centauro”. (PROENÇA, 1977, p. 135).

Assim, se o descendente desse casamento formaria a tão anelada civilização brasileira, estaria agora, em hipótese, a formação dessa civilização representada por esse símbolo. Ou seja, a muiraquitã representaria em **Macunaíma** a possibilidade da formação de uma civilização genuinamente nacional e perder essa representação significaria a perda da possibilidade de construí-la.

Para tanto, Macunaíma faz da Muiraquitã o adorno que caracterizaria essa civilização, conforme é da tradição das populações indígenas. “No outro dia o herói, saudoso, fura o lábio inferior e transforma a muiraquitã em tembetá, enfiando-a no orifício labial”. (PROENÇA, 1977, p. 141).

Entretanto, ao passo que Macunaíma faz uso da tradição, uma vez estando imerso nessa conflituosa luta contra ela, nosso herói acaba por perder a Muiraquitã. O herói perde esse talismã (representação da possibilidade de formação de uma verdadeira cultura brasileira), que acaba indo parar nas mãos de um europeu, o industrial italiano Venceslau Pietro Pietra. A partir desse acontecimento, desponta uma série de aventuras do personagem, na tentativa de recuperar o símbolo dessa provável formação cultural.

Nesse ínterim, a trajetória de Macunaíma, ao mesmo tempo em que desconstrói os estereótipos fundados na existência de uma essência brasileira, (re) formula a identidade nacional, pois o “herói” é sem caráter por conter virtudes e defeitos, características híbridas pertencentes às três etnias formadoras da nação, conhecimento do mundo primitivo e civilizado, sem se decidir por nenhum deles, mas por aglutiná-los e utilizá-los indistintamente. Macunaíma, na verdade, carece de caráter ético, étnico e etnográfico. Contudo, ao se discutir a identidade do Brasil dentro deste trabalho, é necessário analisarmos o que Idilva Germano salienta em **Alegorias do Brasil**:

Não há exatamente uma identidade brasileira a ser decifrada sob os meandros das palavras, rituais e imagens do seu povo. Não existe um sentido próprio que se opõe a um sentido figurado do Brasil. A rigor, toda expressão é polissêmica, remetendo a significação para uma infinidade de outras significações, ou seja, para outros aspectos daquilo que é. A literatura, os costumes e os símbolos brasileiros presentificam, encarnam, inscrevem a significação imaginária do Brasil (GERMANO, 2000, p. 128).

Nesse sentido, o fato de nosso herói não ter caráter não é necessariamente uma crítica ao povo brasileiro. Pelo contrário, afirma Bernd (2003, p. 61) que “a ausência de caráter de nosso herói era sintoma de uma mentalidade cultural com possibilidades revolucionárias”, ou seja, o caráter de Macunaíma estava em processo de (trans) formação, assim como Mário observava esse aspecto em nossa cultura como uma constante, recebendo influências dos diversos povos que habitavam e ainda habitam o país, e que moldariam a nossa plural identidade nacional. Portanto, a falta de lógica do herói é traço nacional, porque como sucede com todos os outros povos sul-americanos, a nossa formação nacional não é espontânea, não é, por assim dizer, lógica. (PROENÇA, 1977, p. 28).

Nessa perspectiva, é de fundamental importância na representação dessa identidade inacabada do povo brasileiro, as constantes transformações do herói no decorrer da narrativa, mostrando-se um ser ambíguo, múltiplo e desconcertante.

Macunaíma nasce às margens do Uraricoera, em plena floresta Amazônica, sem ascendência paterna (quem seria o ‘pai’ da nação?), descende de uma tribo indígena e desde muito pequeno se revela um sujeito preguiçoso. Ainda menino, busca prazeres amorosos e, para isso, se transforma num “príncipe lindo” (p. 10), iniciando-se assim um processo de constantes metamorfoses e viagens do personagem, que ocorrerão durante a narrativa, simbolizando a procura do conhecimento, da verdade e da própria identidade. Por fim, após tantas outras mutações, cansado de tanto penar na terra sem “saúde e muita saúva” (p. 208), o herói se aborrece de tudo e decide tornar-se um brilho inútil das estrelas, simbolizando um triste exílio cósmico, sugerindo a possibilidade da falta de saída para o homem brasileiro, que não encontra seu lugar nem ao sol, nem no sertão, nem na mata e nem na cidade.

Desse modo, a configuração do brasileiro em sua gênese é conflituosa. Em seu projeto de pensar o povo, Mário de Andrade constrói o “herói de nossa gente”,

articulando sua obra de maneira a eximi-la de qualquer regionalismo pela fusão das características de diversas regiões. Assim, temos em Macunaíma essa representação do povo brasileiro e, na junção de várias das características humanas, tanto boas quanto más, a tentativa do autor de construir essa identidade.

Macunaíma em movimento – “o brilho inútil das estrelas”

Macunaíma, pelas infindáveis interpretações que suscita, é um exemplo radical de romance multimodal, ao não se fundir num tipo de construção totalizante, favorecendo uma experiência paulatina conscientização por parte de quem o lê, possibilitando descobertas e ressignificações.

A personalidade densa e enigmática do personagem principal é, simplesmente, o reflexo da contradição que é o Brasil em sua gênese. Por isso, Macunaíma-personagem ondula sob a narrativa, reinventa o Brasil ao mesmo tempo em que se redescobre como copartícipe da formação da nação.

As constantes transformações do herói no decorrer da narrativa, evidenciam-no um ser ambíguo, múltiplo e desconcertante. Ao iniciar a narrativa, Macunaíma é uma criança feia que, de forma mágica, transforma-se em um lindo príncipe para desfrutar dos amores da cunhada Sofará: “Nem bem o menino nasceu tocou no folhíço e virou num príncipe fogoso. Brincaram”. (ANDRADE, 1972, p. 12). Ao casar-se com a amazona Ci, nosso herói transforma-se no “Imperador do Mato Virgem”, título que terá prazer em ostentar mesmo quando se torna um malandro na cidade de São Paulo. As metamorfoses do herói, somadas à sua multiplicidade racial e à diversidade de caracteres reunidos nesse personagem único, explicitam sua inconstância e ambivalência, mas também a sua incrível riqueza de possibilidades.

Segundo Lima (1991), adotando a perspectiva junguiana, para se proteger de sua fragilidade psicobiológica, o homem precisa criar uma máscara, através da qual estabelecerá as relações sociais: a persona. Esta se concretiza e atua pela assunção de papéis, que tanto podem ser socialmente impostos como fruto da escolha individual. Há uma mútua atualização entre os papéis e a persona: mesmo que o sujeito seja tímido e inibido, pode comportar-se como destemido, como reação a algum pânico que sente. Desse modo, o autor conclui que “a armadura da persona é sempre uma plástica argila,

passível de desenhos contraditórios. Manter-se sempre igual a si mesmo equivaleria a destruir a própria armadura”.

Macunaíma revela, a seu turno, a existência dessa permuta de papéis, experimentação de combinações de valores e situações vividas ao longo da narrativa, em face da complexidade e constantes mudanças da sociedade contemporânea, que nele refletem-se na metamorfose transcultural que protagoniza: índio, que nasce “preto retinto”, torna-se branco, vira retirante, tornando-se malandro, gigolô, hippie, candidato a bolsa do governo, travesti, retórico popular, músico pop, entre outras representações assumidas.

Segundo Bauman, as identidades na contemporaneidade são passageiras, assim como observamos em Macunaíma, representadas por suas múltiplas transformações:

Como tudo o mais, as identidades humanas – suas auto-imagens – se dividiram em coleções de instantâneos, cada uma tendo que evocar, carregar e expressar seu próprio significado, muitas vezes sem se referir a outros instantâneos. Em vez de construir nossa identidade de maneira gradual e paciente, como se constrói uma casa, lidamos com formas montadas instantaneamente, apesar de desmanteladas com facilidade, pintadas umas sobre as outras; é uma *identidade palimpsésica*. É o tipo de identidade que se adapta a um mundo em que a arte de esquecer é bem mais importante do que a arte de memorizar; em que esquecer, mais do que aprender, é a condição de adequação contínua, segundo a qual novas coisas e pessoas entram e saem do campo de visão da câmera estacionária da atenção e onde a própria imagem é como uma fita de vídeo, sempre pronta para ser apagada para poder gravar novas imagens (BAUMAN, 2001, p.115).

Sendo assim, as identidades são construídas de acordo com as demandas e influências da sociedade. Não é mais possível pensar no sujeito unificado, com identidade nacional própria. Somos “frutos” e “reflexo” de uma sociedade em constante mudança, portanto igualmente “instantâneos”, como considera Bauman (2001).

Portanto, Macunaíma tende à dispersão e preserva a irredutível oscilação entre identidade e não-identidade, resposta aos processos de instrumentalização do ser humano, produzida pela ideologia do progresso técnico e científico e contra a miséria produzida pela adoção de progresso como valor máximo norteador da civilização e da cultura.

De acordo com Bauman (1999, p.17), a história da modernidade é uma história de tensão entre existência social e a sua cultura [...] a existência moderna força sua cultura à oposição a si mesma.

A palo seco, perdidas as ilusões, partindo dos maus tempos presentes, resta a realidade. E a realidade tem sido a prosa seca e direta do capitalismo, modernizado de forma conservadora, no Brasil e na América Latina, processo em si suficiente para desidealizar o imaginário elaborado na virada da República Velha e, depois, com os movimentos de retomada na década de 1960. [...] Nos dois momentos, foram frustradas as promessas de uma nação que superasse o atraso, incorporando sua herança colonial e popular ao acervo da civilização urbana e burguesa trazida pelo avanço do capitalismo. (BUENO, 2002, p. 157).

Conforme explica André Bueno (2002), nenhuma malandragem, peripécia mítica, riqueza étnica, périplo astucioso, falta de caráter e de cara própria, sensualidade, vida lúdica, erotismo liberado do princípio de realidade pode ainda contrapor-se ao peso do mal estar na civilização urbana, criada pela expansão do capitalismo no Brasil.

Macunaíma é um personagem intensamente complexo. Ao mesmo tempo em que ele é um vencedor, é também um vencido, usando do medo e da astúcia como armas, em meio à hostilidade do mundo.

Sem o senso comum, sem a facilidade do lado malandro, sem jeitinho brasileiro que resolva, temos um périplo trágico. O herói popular brasileiro nasce, move-se, muda, enfrenta o que precisa enfrentar, dribla, trapaceia, faz escolhas, certas e erradas, luta com o gigante Piaimã, recupera a Muiraquitã, perde-se e não vence. Entre a selva e a cidade, a realidade e o mito, a civilização urbana e a indígena, negra, mestiça, o mal-estar não tem saída terrena, não tem como resolver o desconforto do herói de nossa gente. (BUENO, 2002, p. 158).

Perda e procura de identidade, perda e procura do objeto causa de seu desejo, abandono de consciência, ausência de pai, domínio do gozo: eis o nosso herói. Dele pode ser dito que é um neurótico, um louco, um perverso e, por fim, um melancólico que desiste de lutar e se transforma em brilho inútil de estrela. Para Bueno, sem forçar uma indesejável nota melancólica e nostálgica, parece ser esse o movimento de Macunaíma: uma dialética da derrota, da mata derrubada, do genocídio dos povos indígenas, do mal-estar na vida urbana, do corpo mutilado, da solidão sem memória da selva, da violência que reduz e desloca o campo do possível, do Brasil moderno como promessa que não se cumpriu. (BUENO, 2002, p. 159).

Portanto, o anti-herói da nossa gente, visto pelo avesso, sob a ótica do sofrimento, da solidão, da doença e do fracasso, refletido na infelicidade do homem civilizado, imerso nas frustrações do mundo das trocas abstratas e impessoais, dos valores de uso em detrimento das quantidades do mundo capitalista; configura-se na bela prosa das ilusões perdidas, o derrotado que enfim vence, mas na forma de um consolo fácil e frágil.

Macunaíma vai para o campo vasto do céu virando tradição, deixando claro que a possibilidade de se desenvolver uma civilização com cultura própria, ainda persiste, continua sendo legítima. Transforma-se na Ursa Maior, constelação do hemisfério Norte, mas que pode ser vista em todo o Brasil, sempre na direção do norte do país, para o lado da região amazônica, apontando para a Muiraquitã, para onde está a hipótese da civilização genuinamente brasileira; suscitando, apenas, o surgimento de novos heróis, para que de posse do tembetá desta civilização e eximidos das frustrações macunaímicas, retomem esse projeto de Brasil.

Considerações finais

Diante de todas as considerações trazidas a partir da leitura e análise da obra, podemos concluir que Mário oferece ao leitor, em **Macunaíma**, o conhecimento sobre as tradições brasileiras. Através da leitura de lendas e frases prontas contidas no livro, entendemos a grandiosidade e a complexidade do trabalho estético e artesanal que permeia a obra. A este leitor, é apresentado um Macunaíma que vai além do personagem, que se constitui enquanto um homem composto pelo universo multicultural brasileiro.

Macunaíma: o herói sem nenhum caráter nos apresenta um homem que, no centro das diversas articulações ideológicas, tradições e modernidade, sofre e desiste de lutar diante da impossibilidade de construir/definir, a priori, sua identidade dentro de um real espaço de atuação, marcado pelos grandes avanços nas mais diversas áreas, que colocavam em cheque a tradição em detrimento da modernidade, da industrialização, da máquina e do capital, fazendo necessário que reflitamos em resposta a **Macunaíma**: o anti-herói que é facilmente seduzido pela atração das máquinas, esquece-se da natureza e renega as próprias tradições. Até que o autor, pondo o personagem às avessas, tirando-

lhe o sangue, o torna “o brilho inútil das estrelas”, resgatando a possibilidade de construção da nossa tão procurada identidade. Mesmo não deixando rastro para a humanidade, Macunaíma, sobe para o céu, vira história, de certa forma uma memória que poderá ser resgatada e (re) transmitida.

Desse modo, Mário de Andrade acaba por trabalhar em sua obra um discurso que corrobora os objetivos do movimento modernista da década de 20, o de tornar o Brasil uma nação com forma própria, conquistando sua individualidade cultural. Nesse intuito, o autor empenhou-se em produzir um trabalho que afirmasse a identidade nacional, que mais tarde tornar-se-ia um importante marco para a nossa literatura.

Deparamo-nos com a representação de um universo ficcional visto, vivido e sentido não só por um personagem, mas por toda uma nação refletida no discurso impetrado na narrativa, enquanto discurso político e ideológico, resultante de uma evolução cultural que revela uma série de tantos outros discursos, integrados em um só desejo: o de contrapor a realidade ante a discussão sobre a identidade, no sentido de refletir sobre a nossa essência, mostrando quão plural é o nosso Brasil em construção.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Edição Crítica. LOPEZ, Telê. Porto Ancona (org.). Brasília: CNPq, 1988.

_____. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. São Paulo: Martins, 1972.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **“Situação de Macunaíma”**. In: ANDRADE, Mário. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Brasília: CNPq, 1988.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUENO, André. **Formas de Crise: estudos da literatura, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GERMANO, Idilva Maria Pires. **Alegorias do Brasil: imagens de brasilidade em triste fim de Policarpo Quaresma e viva o povo brasileiro**. São Paulo: Annablume, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

- LIMA, Luiz Costa. **Pensando nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- MOISÉS, Massaud. **Macunaíma e a questão do nacionalismo**. In: Colóquio Letras, n. 149 -150; jul – dez. Lisboa, 1998.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. Brasília: Civilização Brasileira, 1977.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo. Cia das Letras, 1995.
- ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.